

HISTÓRIAS DE VIDA E NARRATIVA: PERCURSOS METODOLÓGICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Suzana Mary de Andrade Nunes*

Resumo: Este estudo apresenta o acirramento do debate acerca dos métodos de História de Vida e de Narrativa, no sentido de destacar o conceito de Narratividade como uma perspectiva dos estudos epistemológicos até as primeiras décadas do século XXI. O levantamento bibliográfico das diferentes trajetórias investigativas destaca o alinhamento aos propósitos a serem alcançados. Com isso, incide-se luz ao discurso científico no tocante à conservação e às mudanças entre os métodos investigativos no continuum histórico, no qual as ciências estão posicionadas em primeiro plano e sempre em interface com os fatores sociais, econômicos e políticos, que influenciam, evidentemente, os interesses das Ciências em suas áreas do conhecimento humano e social.

Palavras-chave: Aspectos metodológicos. Ciências Humanas e Sociais. Histórias de Vida e Narrativa. Narratividade.

LIFE STORIES AND NARRATIVE: METHODOLOGICAL PATHWAYS IN THE HUMAN AND SOCIAL SCIENCES

Abstract: This study presents the intensification of the debate about the methods of Life History and Narrative in order to highlight the concept of Narrativity as a perspective of epistemological studies until the first decades of the 21st century. The bibliographic survey of the different investigative trajectories highlights the alignment with the purposes to be achieved. With this, light is radiated on the scientific discourse regarding conservation and the changes between investigative methods in the historical continuum, in which the sciences are positioned in the foreground and always in interface with the social, economic and political factors that obviously influence, the interests of the Sciences in their areas of human and social knowledge.

Keywords: Methodological aspects. Human and Social Sciences. Life History and Narrative. Narrativity.

Introdução

A investigação científica exige escolhas e atitudes conscientes dos(as) investigadores(as)¹ na condução das etapas que os(as) levem a alcançar os

¹ A opção pela forma dupla do indicativo de gênero para designar o profissional acadêmico que realiza a investigação científica: investigador/investigadora; narrador/narradora, leva em consideração a forma regular sob o ponto de vista gramatical e linguístico. Atentos às referências envolvidas de estereótipos e preconceitos culturais que inviabilizam as figuras femininas e transgêneros no universo das Ciências, os quais já construíram uma representação social e científica, apesar da gramática insistir na conservação do marcador universalizante, excludente dos gêneros, o que invisibiliza as conquistas realizadas pelo movimento “Os Feminismos”, desde meados do século passado.

objetivos propostos no processo de delimitação do objeto investigado, por meio da obtenção de resultados que venham contemplar o trabalho científico. Assim, a produção do conhecimento requer habilidades que transcendem as especificidades de métodos e técnicas disponíveis que se espraiam em tessituras que constituem os campos epistemológicos.

Este estudo apresenta aspectos dos métodos investigativos Histórias de Vida e Narrativa, a fim de perceber as aproximações e distanciamentos entre eles, bem como o que se conserva no âmbito da sua aplicabilidade metodológica e o que vai sendo alterado, no sentido de contribuir para a elaboração e execução de projetos investigativos nas áreas das Ciências Sociais e Humanas.

É fundamental, após a verificação e inferência do fenômeno investigado, que os(as) investigadores(as) realizem a demonstração ou detalhamento descritivo, explicativo e compreensivo do processo, de modo que haja um deslocamento do objeto científico como dado da realidade, para tornar-se objeto do discurso científico ou textual. Essa etapa é denominada de etapa de produção metalinguística do objeto. Recorre-se, portanto, à predominância tipológica da narrativa para compor a percepção subjetiva em estruturas linguísticas que descrevem as análises, por meio da interpretação dos sentidos e significados apreendidos na leitura e operacionalização da realidade.

Sandelowski (1991) faz a distinção linguística de narrativa, narrações e narrador(a), cujas nomenclaturas foram tomadas por empréstimo da Teoria Literária, a fim de se tornarem conceitos de diferentes áreas científicas. A autora define a narração como uma atividade-limite, na medida em que apreende a interpretação de um(a) narrador(a) que faz relações entre os elementos do passado, presente e futuro, por sua vez, no limiar do espaço e do tempo. Os(as) narradores(as) são sujeitos socialmente posicionados para contar histórias, sob a influência de convenções culturais existentes em torno das narrações que constituem histórias de vida. A Narrativa, método de recolhimento de narrações, compreende as histórias ou fábulas constituídas por ações, acontecimentos praticados ou vivenciados por personagens, configurações, discursos e tramas – a maneira como a história é comunicada determina a sua tipologia ou o gênero textual utilizado, de modo que a elaboração ficcional tem a realidade como sua principal fonte de criação.

A autora também ressalta a importância de observar a posição dos(as) narradores(as), uma vez que a posição de quem narra é elemento identificador das investigações de Histórias de Vida e de Narrativa. Portanto, a observação da pessoa que fala e de quem se fala é um dado de referência, haja vista a predominância da 1ª pessoa no método de Histórias de Vida e da 3ª pessoa do singular, uma vez que se privilegia a narração de fatos ou circunstâncias testemunhadas por outrem ou outros grupos sociais, em determinado período histórico.

A preocupação de teóricos ao apontar as diferenças metodológicas das investigações de Histórias de Vida e de Narrativa os levou a apresentar os percursos metodológicos dentro de uma visão prática na execução de investigações. Goodson (2001), Ferrarotti (2007) e Matiss (2007) apresentam as estratégias (métodos), a técnica para recolher as narrações de seus investigados. Matiss (2007) delinea o passo a passo das escolhas feitas: a seleção dos(as) narradores(as); a instrumentalização da língua comum para o recolhimento das entrevistas; o método da entrevista; o processo de transcrição; e a comunicação que se estabeleceu para a criação e cocriação das histórias de vida que foram objetos de investigação do autor.

Germeten (2013) esclarece acerca das diferenças e semelhanças entre Histórias de Vida e Narrativa; o método e as técnicas que prevalecem em cada uma delas; a perspectiva dos conteúdos a ser recolhida para se chegar a determinado conhecimento, por meio dos resultados, ao passo que reforça os objetivos e as escolhas do método em conformidade com a teoria utilizada. Assim, a busca pelo desconhecido e pelo imperativo que move o conhecimento científico é a fonte propulsora em investigações de Histórias de Vida. Mesmo que a objetividade seja a base de sustentação científica, é na subjetividade humana que se pretende produzir significados e sentidos e, não menos importante, ao alcance dos objetivos propostos na investigação científica.

É de conhecimento que as Ciências Sociais e Humanas, ao adotarem, no universo investigativo, as Histórias de Vida e/ou Narrativa, geram muitos conflitos e críticas entre os grupos do próprio campo. Sobre este ponto, percebe-se que há contradições e divergências tanto entre os campos quanto no interior do campo, assim como, tratando-se dos conceitos, metodologias, nomenclaturas

conceituais e teóricas, de modo que, ao adentrar nos domínios discursivos, em outras palavras, significa pisar em terreno sinuoso que quase sempre prevalece o debate animado, marcado pelo dissenso: há grupos fortemente antagônicos que discordam do método, cujas críticas apontam para a falta de rigidez analítica na construção da verdade, além da crítica a respeito da posição do(a) investigador(a) diante da objetividade e subjetividade. Há outros grupos que reconhecem as abordagens Histórias de Vida e Narrativa, mas não as utilizam como método, dadas as exigências teórico-metodológicas que as caracterizam e, sobretudo, por uma questão de afinidade metodológica.

Nesse campo de alinhamento investigativo há grupos² que adotam a metodologia e apresentam a importância do método para a sociedade dentro de uma visão macro, uma vez que faz a relação entre o fato social com os sujeitos que o vivenciaram e, assim, privilegia a emergência da subjetividade por meio da memorização, ao passo que se torna núcleo do enredo e da análise para produção de significados, além de promover o entendimento acerca do fato social e da influência dos sujeitos na formação de adornos geracionais, por extensão, o estabelecimento das relações interpessoais e intrapessoais que vão sendo tecidas, bem como as possibilidades que se cruzam entre os sujeitos da investigação em outro contexto histórico, seja por meio das narrações de suas experiências de vida ou da escuta e do elemento de produção científica.

1 A Formação discursiva e as origens dos métodos de História de Vida e Narrativa

As Ciências Sociais e Humanas, mais especificamente as investigações no campo da Antropologia, apresentaram, no início do século XX, uma nova abordagem para a pesquisa qualitativa, designada de método narrativo de Histórias de Vida.

Entre os anos de 1920 a 1930, os sociólogos da Universidade de Chicago adotaram o referido método para investigar os povos primitivos, História das Culturas, a fim de privilegiar as vozes dos sujeitos e grupos às margens da sociedade, os considerados “sem voz”. Thomas e Znaniecki foram pioneiros

² Cf. ARAÚJO (1999), MATISS (2005) E GERMETEN (2013).

neste método, os quais, posteriormente, dedicaram-se a estudar sobre os mamutes, no “mammoth study”. Para tal, fizeram o recolhimento de narrações de povos migrantes dos Estados Unidos e publicaram em *The Polish Peasant in Europe and America*. A partir do mesmo método investigativo, os autores abordaram acerca das experiências de camponeses poloneses que migraram para os Estados Unidos e se basearam, essencialmente, em relatos autobiográficos, diários e cartas existentes dos migrantes (GOODSON, 2014, 2001; PENEFF, 1994).

Somente na década de 80, no século XX³, muito influenciado pela escola francesa, o método foi adotado por investigadores(as) da área da Educação, a fim de recolher narrativas de professores(as), com o objetivo de destacar o estabelecimento das relações presentes nas instituições educacionais entre os sujeitos formandos e formadores, assim como pretendiam apresentar a relação da carreira de professores(as) dentro dos diferentes discursos políticos sobre a educação, em diferentes contextos históricos, de modo que privilegiassem a construção identitária desses sujeitos. Nesse mesmo compasso, as análises foram associadas aos elementos condicionantes por consequência de um conjunto de dispositivos estruturantes transmitido, direta ou indiretamente, por meio das práticas cotidianas orais e escritas realizadas nas instituições formativas, que, por sua vez, orientavam a integrá-los em determinada comunidade e cultura (QUEIROZ, 1987; ARAÚJO, 1999; GOODSON, 2014; GOODSON; CHOI, 2008; NUNES, 2015).

Percebe-se, em geral, que há nuances na aplicação do recurso metodológico desde as suas origens, uma vez que a investigação antropológica visava um recolhimento amplo da cultura investigada, ou seja, havia um interesse em abstrair todo e qualquer conteúdo narrativo que levasse ao

³ PENEFF (1994) destaca as diretrizes traçadas pelo relatório de Daniel Bertaux, somente publicado em 1991, ao passo que faz alusão às críticas de Pierre Bourdieu e uma série de outras críticas, a posteriori, a partir da publicação especial francesa “L’illusion Biographique (1986).” “Bertaux em publicações (1999 [1980]) afirma que “(...) as investigações de Histórias de Vida se expandiram para além do círculo de sociólogos. Este desenvolvimento da história oral coincidia com a redescoberta da ‘oral history’ por homólogos americanos, ingleses ou outros europeus” (PENEFF, 1994, p. 26, grifo da autora).

A vertente citada por Peneff (1994), de retorno aos estudos de História de Vida, desenvolveu-se sob uma perspectiva hermenêutica ou interpretativa, principalmente nos Estados Unidos, no qual o conceito de narrativa seguiu os escritos de Paul Ricoeur e o entendimento encontrado em Ochs e Capps (1996) (GUÉRIOS, 2011, p. 11).

conhecimento de uma cultura anteriormente desconhecida. Os estudos sociológicos, no entanto, buscavam recolher narrações de grupos sociais minoritários, considerados à margem da sociedade. Assim, centravam-se no recolhimento das narrações para abstrair determinados aspectos da sociedade, a fim de compor uma tessitura complexa de determinado grupo social, a partir das individualidades investigadas. Em contrapartida, os estudos acerca dos(as) professores(as) têm uma visão ampla de apreensão e leitura dos sujeitos, com o objetivo de posicioná-los dentro de uma política cultural, na qual se busca unir elementos de formação pessoal e profissional, por entenderem que eles são indissociáveis para a compreensão da relação dos sujeitos com a instituição escolar.

Goodson (2014) alerta para a transitoriedade do uso de determinadas metodologias em detrimento de outras, as quais levam em consideração a influência de fatores externos, a saber, sociais, econômicos e políticos. Com isso, as tendências temáticas e as escolhas metodológicas revelam um interesse movido por circunstâncias que emergem respostas a perguntas ou a interesses coletivos que insistem em ser tratados no interior do campo científico. Assim, as tomadas de escolha e decisão realizadas no campo da investigação são interdidas por discursos que circulam em diferentes espaços e tempos, os quais vigoram interesses dos aspectos citados: políticos, sociais e econômicos, de modo que se adequam àquilo que a sociedade aspira ou espera como um projeto social.

Delory-momberger (2008) assinala que a investigação de Histórias de Vida privilegia a relação entre a forma como os indivíduos representam sua vida e a maneira como eles adquirem competências e saberes sobre o mundo e sobre si mesmos. Dhunpath (2000) afirma que a pós-modernidade apresenta uma cultura sem esperança de consensos, soma-se a isso a pesquisa narrativa, para enfatizar histórias e narrativas pessoais de natureza intensamente individual, na qual retrata a experiência de cada sujeito, a fim de reconstruir-se constantemente como pessoa, de modo que seja refeito o projeto social que, conseqüentemente, alinha-se a interesses diversos em voga, em determinado período histórico.

Fairclough (2002) destaca a estruturação do discurso em uma ordem dada e como ele estrutura mudanças a todo o tempo. Para o autor, os discursos

produzidos são determinados por mudanças nas relações de poder em diferentes níveis das instâncias sociais ou da sociedade. Entende-se, portanto, que as pesquisas científicas se enquadram perfeitamente ao projeto político, econômico e social, ao passo que asseguram o domínio político institucional na produção de conhecimentos, nomeadamente convergentes ao processo civilizatório e aos interesses do mercado econômico e de produção.

2 Histórias de Vida e Narrativa: uma construção histórica e social dos sujeitos

A construção e a articulação de estruturas linguísticas produzem um texto “ficcional”, ou seja, um discurso que traz consigo referências da realidade histórica, política e social do período representado, em que as referências de informação não são do momento vivido, mas do lugar estabelecido pela relação entre o interesse dos(as) investigadores(as) e os sujeitos narradores da investigação.

A demanda da materialidade das narrações, por meio da formação subjetiva e objetiva, constitui o sujeito narrador da sua própria história, na medida em que torna o material cognitivo submetido a tratamento de seleção, com base em critérios de referenciação, comparação, coerência temática, valoração, a fim de que haja o intercâmbio entre aquilo que foi narrado e os interesses investigativos.

Para consolidação do pensamento deste estudo, foi realizada uma revisão da literatura em língua inglesa sobre a aplicação do recurso teórico-metodológico de Histórias de Vida e da Narrativa, cujos resultados apontam mudanças dos marcadores linguísticos nos títulos e resumos das produções científicas no período analisado⁴. O levantamento⁵ registrou o marcador “Life Histories” em

⁴ Levantamento realizado pela base de dados online da UP, Google Portugal, Google Brasil.

⁵ Para fins ilustrativos, destaca-se a produção de Goodson em diferentes momentos: Goodson (2001) intitulou a publicação *The Story of Life History: origins of the Life History Method in Sociology*; em 2008, o autor publicou na revista *The Routledge International Handbook on Narrative and Life History*; Goodson, em 2010 e 2013, respectivamente, publica as obras *Narrative Learning* e *Developing Narrative Theory: Life Histories and personal representation*. O exemplo ilustrativo, contudo, leva em consideração que uma amostra não é suficiente para trazer inferências ou resultados consistentes sobre a realidade investigada. Portanto, é fundamental aprofundar nessa direção.

produções da década de 80 e nos primeiros anos do século XXI. Nesse período, o marcador aparecia isoladamente como objeto principal na construção do tema a ser desenvolvido. Na primeira década do século XXI, o marcador “Life History” passou a ser acompanhado pelo marcador “Narrative” e quase sempre escrito como objeto secundário acompanhado do conectivo “and”. Na década de 10 do século XXI, o marcador central passa a ser “Narrative” e aparece isoladamente na estrutura linguística ou sequenciado pelo marcador “Life History”. Logo, conclui-se que houve uma transição na aplicação do recurso metodológico em investigações, sobretudo, na área das Ciências Sociais. Essa evidência requer aprofundamento analítico que remeta aos aspectos condicionadores que influenciaram a mudança de objetos e métodos nos campos científicos. Desse modo, pontos são trazidos a fim de aprofundar questões do próprio processo de produção do conhecimento científico em interface com a construção de um discurso político, econômico e social:

- a) Na History Life and Narrative Research (sociologic english school), predominam-se marcadores “History Life” e “Narrative Research”, todavia há divergências em contextos diferentes, como no cenário português, francês, alemão etc.?
- b) Há no interior do campo uma separação que denota posições políticas que determinam a natureza epistemológica, de modo que as Ciências Sociais preferem Narrative a Life History, enquanto as Ciências Humanas optam por Life History a Narrative?
- c) Evidenciou-se o registro do marcador “History Life” em objetos de estudos das Ciências Biológicas, Química e Saúde⁶. Assim, pode-se afirmar que houve a transição inversa no sentido de as Ciências Naturais pedirem emprestado conceitos, métodos ou nomenclaturas linguísticas às Ciências Humanas e Sociais?

⁶ Ferraroti (2007) assinala “Pero hoy son las mismas ciencias de la naturaleza, las ciencias ‘exactas’, que se ven constreñidas a autoproblematizarse, las que se aproximan cada vez más, y de manera por completo imprevista, a las ‘ciencias de lo vago’ y que renuncian – o penosamente comienzan a renunciar – al concepto de ‘ley’ intemporal, necesaria o de necesidad, universalmente válida, timeles and spaceless, a favor del concepto de ‘uniformidad tendencial’ en sentido probabilístico” (FERRAROTI, 2007, p. 104, grifos da autora).

As questões apontam para campos de tensão entre os objetivos propostos, as estruturas linguísticas e os conceitos teórico-metodológicos do processo investigativo, haja vista o (re)desenho em relação ao rigor de realizar investigações quantitativas, qualitativas e/ou mistas, uma vez que as metodologias científicas e suas aplicações estejam mais na linha positivista ou na linha qualitativa, as quais apontam para a instabilidade do campo, que declina na formação de investigadores(as). Traz-se, portanto, a questão acerca da competência (ora não aprofundada nesse estudo), esta colocada como pano de fundo a respeito dos conteúdos temáticos, de modo que as investigações, no seu interior, entram em conflito teórico-metodológico ou se esvaziam em ramificações que se distanciam da modalidade textual de um determinado campo epistemológico.

A evidência de contradições no processo investigativo concorre aos aspectos externos e internos e põe em xeque a coerência do gênero textual. Além disso, constatam-se lapsos extensos de rigor técnico, linguístico, teórico e metodológico, uma vez que os recursos utilizados não conseguem responder às proposições iniciais do campo epistemológico. Estudos são levantados sobre essas questões, de modo que mobilizam grupos interessados, opositores e críticos, em defesa do requinte metodológico, enquanto outros se omitem ou aderem a pensamentos opostos às regularidades propostas por Foucault (1995):

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define o lugar de aparecimento e de definição do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade [...] (FOUCAULT, 1995, p. 104).

Goodson (2013) destaca que a crescente procura por investigações que recorrem ao método de recolhimento de narrativas pessoais e de histórias de vida se deve também ao momento político e econômico, cuja transição do modelo de produção fordista para o flexível ocasionou mudanças no interior das famílias, das instituições e da sociedade como um todo. Para o autor, essas mudanças trazem características novas no cotidiano dos sujeitos: o declínio de um projeto de vida duradouro; as mudanças nas relações familiares que passam

de estáveis para instáveis; e a quebra dos laços da fidelidade entre empregadores e empregados. Esses aspectos da contemporaneidade despertam o interesse de sociólogos para identificar as influências externas nos sujeitos, bem como provocam reações às imposições lançadas sobre estes e suas consequências, tendo em vista as suas próprias ações.

Percebe-se que a luta pelo domínio do campo das Ciências Sociais e Humanas ao longo do século XX e XXI, e os enfrentamentos das críticas quanto a sua autonomia como ciências, ocasionaram resistências e reações no sentido de romper totalmente os rastros de inferioridade diante dos fundamentos positivistas das Ciências Naturais, de modo que certas ações atingiram o fenômeno investigativo, conseqüentemente, as estruturas linguísticas na produção do gênero textual especializado: a elaboração e definição conceitual e a tipologia textual e investigativa.

Para superar os entraves ocasionados pela separação, criaram-se neologismos linguísticos, para que uma nova nomenclatura advogasse ou representasse a autonomia política dentro do campo científico. Contudo, ao aprofundar essa questão, percebe-se que a mudança individualizada e sem critério de adesão entre os pares investigativos, ao invés de fortalecer o campo, na verdade, cria conflitos epistemológicos. As designações conceituais ficam sem uma definição que possibilite a interpretação e reprodução pelo grupo especializado. Além disso, a exigência de rigor metodológico e científico tanto no uso das tipologias textuais quanto nas tipologias investigativas é fundamental para a realização de investigações consistentes e coerentes no plano da forma, do conteúdo e da substância.

3 Interferências externas no interior da investigação

As mudanças ocorridas no último século, associadas às reivindicações dos sujeitos no cotidiano das suas vidas pessoais estabelecem relações micro de poder e resistência que, por sua vez, instigam a observância do “silêncio” ou das “vozes”, vista não mais como significante de obediência ou transgressão, mas de deslocamento gerador de transformação e de não conformidade com o status quo. Por sua vez, as transformações e a não resignação apontam para a

busca de novos significantes, reflexo da própria condição de insatisfação subjetiva, para eleição de outros significados. Todos esses elementos constitutivos que formam a massa de sujeitos, exigem, no entanto, a observação dos padrões, modelos ou cópias que vão se autenticando ou sendo abandonados em determinado período, de maneira que uma nova ordem social vai continuamente sendo configurada. Não se observam as posições rígidas e perenes, mas, sim, o registro das posições ao fluxo das relações que se estabelecem, uma vez que a leitura dos sujeitos para com a realidade é vista sob o olhar singular de um campo multidimensional.

[...] Em suma, como no caso do passado que nos conta a História e da <<realidade>> que <<refletem>> as histórias de vida, as vicissitudes históricas de uma abordagem tão multifacetada como o (que eu me empenho em chamar) <<Método biográfico>> não podem ser reduzidas a um relato simples e consistente. Seria esse um relato mais próprio da (re)construção, mitológica e a posteriori, de um passado ordenado e sem arestas para aparar [...] (BASSI, 2014, p. 122, grifo da autora).

Nesse sentido, Goodson (2008, 2013), Trahar (2006), Polkinghorne (1995), Germeten (2013), Mitchell e Egudo (2004) apontam diferenças entre “History of Life” e “Narrative Research”, trazendo características de uma e, por relação, induzem o leitor a fazer um paralelo com a metodologia da outra.

Foucault (1995) salienta que não são as semelhanças dos objetos, dos conceitos, das teorias que asseguram o enquadramento em um domínio teórico. Para o autor, o que determina o domínio é a regularidade dos enunciados, uma vez que se pode pertencer ao mesmo campo utilizando conceitos divergentes, além de enquadrar conceitos em diversas teorias. O que se pretende chamar atenção é que a pesquisa qualitativa com Histórias de Vida e Narrativa traz características que entram em confronto com modelos tradicionais de fazer investigação científica. No entanto, elas apresentam regularidades que as certificam ao gênero textual com métodos diferenciados, inseridas em um campo teórico, em diferentes espaços acadêmicos ou períodos históricos.

Nesse sentido, a temporalidade e a espacialidade se ajustam à transculturalidade no tocante à relação que se estabelece com diferentes culturas, mantendo as especificidades oriundas do “background social”. Em

outras circunstâncias, as diferenças e semelhanças das Histórias de Vida e da Narrativa são pontuadas com precisão e clareza, a exemplo de como Bassi (2014) e Goodson e Choi (2008) destacam o conceito de narratividade que sinaliza para o entendimento acerca de periodização teórica, que induz o surgimento da asserção de novos conceitos, para serem aplicados em diferentes percursos investigativos, que, por sua vez, estão submetidos a mudanças contínuas – apesar de pontos nodais resistirem às novidades e a conservação de determinadas estruturas conceituais resistir à própria dinâmica social, concomitantemente, as especificidades e singularidades discursivas vão sofrendo mudanças e se adequando às influências externas.

Goodson e Choi (2008) relatam que investigações aderem ao método da Narrativa, no início do século XXI, ao passo que as influências externas ao campo teórico delineiam os desenhos que se configuram e se amalgamam às estruturas sociais. Para tanto, eles fazem referências a diferentes áreas do conhecimento e a contextos sociais e políticos que ressoaram na produção de diferentes discursos no século XX. Com isso, o método narrativo e a sua aplicação em investigações nas Ciências Sociais e Humanas não contemplam somente interesses internos, tampouco estruturas linguísticas que refletem ou instigam o fenômeno cognitivo; com efeito, as estruturas internas estão conectadas em um fluxo bilateral, influenciadas por elementos condicionantes exteriores (POLKINGHORNE, 1995).

Esse processo aponta que as escolhas de campo, objetos e teorias remetem às influências externas, a saber, sociais, econômicas e políticas. Portanto, as escolhas realizadas no processo investigativo não são um ato de autonomia e de liberdade de total desarticulação com o exterior, pelo contrário, a narrativa de produção científica está submetida a outras narrativas que se condicionam e se entrelaçam umas nas outras.

Magalhães e Veiga (2015) assinalam que:

A interação entre narrativas e contextos é visível na análise de significantes flutuantes. São sinais de que "diferentes discursos lutam para investir com significados e sentidos em seu modo particular" (Phillips & Jørgensen (sic), 2004, p. 28), e são contextos contingentes (Laclau, Mouffe, & Zizek (sic), 1999) (MAGALHÃES; VEIGA, 2014, p. 317, grifo da autora).

Goodson (2013) traz o conceito de narratividade, destacando a contribuição das investigações narrativas ao desenhar a compreensão dos discursos disseminados em diferentes tempos e espaços sociais, ou seja, como esses discursos são traduzidos por práticas individuais ou institucionais, ao passo que um espectro de diferentes narrativas destaca a apropriação dos sujeitos, por meio das estratégias de dominação, colonização e individualização. Os sujeitos investigadores estão banhados pelos controles remanescentes da formação cultural, de modo que as narrativas científicas estão amalgamadas aos multifatores que comandam o período sócio-histórico.

4 Desenho teórico das Histórias de Vida e Narrativas

A História de Vida é um método interativo e integrador de subjetividade, esta que é condição primordial no estabelecimento das relações diretas e interpessoais que privilegiam o recolhimento de conteúdos, de modo que instiga a emergência de conteúdos de experiências e vivências reservadas nas regiões profundas da memória. Assim, o processo investigativo possibilita a quem narra a liberdade de liberar e reconstruir suas memórias por meio de um texto narrativo. Matiss (2005) faz analogia entre o percurso investigativo de Histórias de Vida e as camadas da cebola, cabendo ao investigador(a) desvencilhá-las até chegar ao núcleo.

Araújo (1999) traz o momento do recolhimento das narrações como um momento catártico e de extremo envolvimento subjetivo entre os conteúdos e as experiências e vivências de quem está realizando a investigação. A autora afirma que o encontro com as histórias de vida de cinco professoras, no período do regime ditatorial Salazarista, em Portugal, desenvolveu em si condições favoráveis para a produção de novos significados no seu ativismo feminista e na prática profissional como professora e investigadora. A autora destaca que os sujeitos são produtos de experiências de vida e se associam sem regras pré-definidas e pelas quais ensejam os percursos que os sujeitos constroem as suas histórias de vida.

Josso (2004) assinala que o processo do voltar-se e na eminência de um projeto ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos,

pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos, na relação que se constitui entre si e o outro e entre si, os outros e o ambiente humano e natural.

Ferrarotti (2007), Goodson (2001, 2008, 2013) e Bassi (2014) integram o grupo que defende a metodologia em voga, ao passo que contribuem para o seu fortalecimento teórico, por meio de estudos epistemológicos sobre Histórias de Vida e da Narrativa, embora reconheçam e destaquem os devidos e necessários cuidados nas relações subjetivas, chave para o recolhimento das narrações. Eles chamam atenção para questões acerca da objetividade/subjetividade; a dinâmica e as armadilhas psíquicas/psicológicas que levam os(as) narradores(as) ao processo de seleção dos conteúdos, de modo que alertam para as atitudes e posição dos(as) investigadores(as) que determinarão o fluxo e o julgamento do que é dito, dos silenciamentos, dos desvios, das contradições por parte dos sujeitos investigados.

Ferrarotti (1987) assinala que é ridículo antecipar o conhecimento a ser produzido, uma vez que a relação entre os sujeitos das investigações traz uma carga de afinidades ou afetividades que pode criar um “problema de subjetividade”, por sua vez, chama atenção para o envolvimento entre os sujeitos da investigação que estão nessa busca de desenhar o objeto. O autor reforça que essa relação não é passiva, ela se modifica continuamente, ao passo que o comportamento de quem escuta a narração determinará tanto o conteúdo das narrações quanto os significados dados e atribuídos aos sujeitos envolvidos no processo investigativo.

[...] em termos de percepção psicológica individual, associam-se de consequências com as determinantes do contexto histórico-econômico-cultural metaindividual, de tal forma que eles evidenciam o entrelaçamento dialético – ou de “reciprocidade condicionante” – entre indivíduo, cultura e momento ou fase histórica [...] (FERRAROTTI, 2007, p. 27, grifo da autora).

Ferrarotti (2007) desfaz o encantamento trazido pela “relação de fidelidade” que se estabelece entre os(as) investigadores(as) e os(as) narradores(as), cujo significante é carregado de significado, o qual conduz a visão dicotômica interpretativa da linguagem como instrumento e/ou proposição de comunicação. A fidelidade em confiar assuntos íntimos e profundos, além da

questão acerca do critério de verdade dos tais conteúdos, ou seja, a substância no critério de julgamento que nem sempre há coerência e apresenta contradições, vazios, desvios nas estruturas e fenômenos da linguagem. O autor sinaliza que não são os fatos, não são as experiências e vivências, mas são os discursos elaborados e construídos sob o óbice de uma lógica ficcional daquele momento único da história.

Germeten (2013), Bassi (2014) e Ferrarotti (2007) se alinham conceitualmente ao trazer a discussão acerca do signo “verdade” e como este elemento é idealizado cientificamente e legitimado entre seus pares institucionais. Verte-se, portanto, na busca fundamental a ser alcançada referendada pelas amostragens, segundo as heranças filosóficas das Ciências Naturais do início do século e dos seguidores positivistas: Comte, Durkheim e outros adeptos. Para Germeten (2013) essa questão remete a Foucault e faz a articulação da verdade com o discurso, sob a forma de possibilidade(s) de ver os sujeitos a partir das suas falas e da superação com a produção de significado e sentidos.

Portanto, sempre haverá potencial para diferentes histórias de vida (no plural), e provavelmente todo assunto tem várias "vidas". Toda "vida" pode ser escrita em diferentes discursos, primeiro pelo narrador, depois pelo pesquisador. Todas essas posições são entrelaçadas quando se constrói uma história de vida como narrativa (GERMETEN, 2013, p. 615, grifo da autora).

Ferrarotti (2007) assinala que a utilização de Histórias de Vida pelo método narrativo está na moda pelos sociólogos, mas não somente por eles, porque há diferentes campos das Ciências Sociais e Humanas que delas fazem uso: Antropologia, os Estudos Feministas e de Gênero, Literatura, História, Educação etc. O autor associa o interesse epistemológico às tantas críticas e contestações para com o método, uma vez que acirram os embates no interior dos campos científicos, os quais são também influenciados pelos fatores externos (políticos, sociais e econômicos), constituindo-se os diferentes movimentos de adesão e resistência.

No tocante aos procedimentos do método, os(as) investigadores(as), durante o período ou logo após as entrevistas, devem selecionar,

critérios, os conteúdos narrativos, atribuindo-lhes valores, de modo que, a posteriori, venha solicitar um maior esclarecimento ou aprofundamento de algum conteúdo narrativo que tenha ficado obscurecido. Germeten (2013) traz ferramentas que podem ser operacionalizadas, caso o processo de recolhimento das narrações seja ocasionalmente obstruído pelo surgimento de fossos na cadeia de fatos ou silenciamentos, que impeçam a emergência de significados. A autora sugere também o uso de outras ferramentas, como diários, desenhos, imagens, vídeos ou textos.

Investigadores(as) brasileiros(as)⁷, a exemplo de Queiroz (1987), utilizam o método de Histórias de Vida em suas investigações e orientam que as transcrições sejam feitas logo após o recolhimento das entrevistas, para que não se percam os fios que conectam os conteúdos das narrações, facilitando o preenchimento de algumas lacunas interpretativas. Segundo a autora citada, as Histórias de Vida são construções, essencialmente, individuais da experiência humana e têm limitações que podem afetar a objetividade da representação. Para tanto, há no cenário brasileiro publicações dedicadas a epistemologia da investigação acerca do método de Histórias de Vida, a fim de sedimentar o alinhamento para os novos investigadores(as).

5 A narratividade dos campos científicos na escolha do método Narrativa

Para definir a Narrativa, é preciso retomar estudos sobre gênero e tipologia textual, ou seja, a terminologia narrativa pode ser apresentada sob duas vertentes: gênero textual e/ou tipologia textual.

Como gênero textual, o texto narrativo agrega um conjunto de técnicas para ser produzido, o qual possui normas ou códigos a serem decifrados e seguidos por grupos especializados: a Literatura, nos romances, nas novelas, nas poesias; as Ciências Sociais, na pesquisa narrativa; a Medicina, nos laudos, relatórios etc.

⁷ Para mais informações, ver também Queiroz (1987).

A tipologia narrativa aparece tanto na oralidade como na escrita, formal e informal, de modo que são as situações contextuais que definirão o uso do fenômeno linguístico, o que convém à apreensão de diferentes práticas sociais.

No cotidiano, as pessoas se comunicam oralmente, por intermédio de relatos narrativos, de acordo com as demandas objetivas e subjetivas que lhes são postas em um dado contexto social. Por outro lado, a narrativa escrita demanda práticas mais formalizadas, as quais lhe são atribuídas valorações e um conhecimento prévio de critérios linguísticos e/ou textuais.⁸

A pesquisa narrativa, uma modalidade dos gêneros textuais, não somente focaliza nas experiências de sujeitos narradores para execução de um projeto investigativo nas Ciências Sociais e Humanas, mas também requisita conhecimentos prévios que confirmam aos sujeitos investigadores o reconhecimento do seu ato discursivo em determinado campo epistemológico. Assim, os significados produzidos, por meio das leituras e análise, formam um mosaico informacional de realidades históricas a serem investigadas: fatos ou eventos sociais; aspectos formais e experiências cotidianas de instituições; grupos sociais que se apresentam na superficialidade do tecido social, a fim de apontar questões sociais obscurecidas pela reprodução da cultura dominante.

Fox (2006) destaca sobre o método da Narrativa dentro da perspectiva de recolhimento das Histórias de Vida, a fim de alcançar significados da cultura e da sociedade investigadas. A linguagem, portanto, é o instrumental para construção dos significados, de modo que o(a) investigador(a) filtra os processos de comunicação por meio da interpretação cognitiva. As narrações, dessa forma, são as fontes para a apreensão dos modos como os valores dos sujeitos ou de grupos de sujeitos aderem às atitudes, as quais refletem as diferentes percepções que determinam o entendimento sobre a reprodução cultural em distintos contextos sociais:

[...] método de se envolver na multidimensionalidade da pesquisa narrativa: como o pesquisador precisa ir além do texto para o contexto. Essas categorias são úteis para tornar explícitos

⁸ Koch (2012) afirma que “Se, por um lado, nesse processo, necessário se faz considerar a materialidade linguística do texto, elemento sobre o qual e a partir do qual se constitui a interação, por outro lado, é preciso também levar em conta os conhecimentos do leitor, condição fundamental para o estabelecimento da interação, com maior ou menor intensidade, durabilidade, qualidade” (KOCH, 2012, p. 19).

os processos de filtragem cultural. Eles devem ser vistos como categorias macro, correspondendo a sistemas inteiros de criação de significado [...] (FOX, 2006, p. 51, grifo da autora).

Trahar (2009), ao relacionar o uso do método narrativo em investigações voltadas às questões de gênero, afirma que as feministas têm mostrado que a narrativa não só consolida gênero como também pode ser uma ferramenta estratégica no desmantelamento de representações estereotipadas. Desse modo, as investigações narrativas têm sido, nas últimas décadas, um recurso metodológico de análise crítica acerca da reprodução da cultura patriarcal, das violências de gênero, do empoderamento com a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Abre-se, portanto, por meio da Narrativa, a possibilidade de realizar análises comparativas em diferentes culturas e sociedades, a partir das individualidades construídas pelos(as) narradores(as) e das narrações recolhidas em investigações que apresentam experiências vividas como testemunhas em um tempo e espaço social, cuja compreensão ou explicação social se soma a outros métodos de produção científica.

Os(as) investigadores(as) das áreas das Ciências Sociais e Humanas têm se debruçado ao recolhimento e análise de Histórias de Vida, cujas percepções acreditam ser um ingrediente crucial para interpretação e produção de sentidos, a fim de compreender o que o ser humano faz e quais os fatos externos que interferem nas suas ações, por conseguinte, que tipo de ser humano os(as) investigadores(as) nos constituem, uma vez que vivemos em uma sociedade e a reflexão, mesmo que indireta, é inevitável.

Os(as) investigadores(as) seguidores(as) dessa abordagem afirmam que, nos últimos anos, as análises de narrativas têm crescido rapidamente, exigindo uma base teórica que favoreça tanto uma abordagem temática como a delimitação de novos objetos de investigação, uma vez que o método privilegia procedimentos menos conservadores oriundos das Ciências Naturais. Contudo, o afastamento desses métodos não significa a ausência de uma estrutura ou ausência de uma amostragem confiável para interpretar os resultados de maneira eficaz e que correspondam também às exigências de cientificidade.

Mitchell e Egudo (2003) discorrem a respeito do desenvolvimento da abordagem nos anos recentes:

A análise de narrativa cresceu e é usada em muitas áreas de pesquisa. O interesse por essa abordagem teve rápido desenvolvimento e exige, agora, a firme base teórica que permite aos pesquisadores abordar essa pesquisa de maneira confiável e estruturada, e interpretar os resultados de maneira mais eficaz (MITCHELL; EGUDO, 2003, p. 1, grifo da autora).

Nesse sentido, os autores destacam que a abordagem metodológica da Narrativa recorre à técnica de entrevistas estruturadas ou semiestruturadas, para que os(as) investigadores(as) mantenham uma direção sobre as narrações, de modo que as análises de coleta dos conteúdos sejam um “método de captura” para formação do processo de representações sociais, apesar de que é fundamental que os sentimentos, imagens, entonações, alternância de conteúdos em diferentes tempos e a alternância de narradores(as) sejam elementos a serem analisados no processo investigativo.

A Narrativa traz essa inovação metodológica bastante interessante, com base na realidade individual que compõe o coletivo social. Assim, o olhar sobre o indivíduo, no momento da aplicação do método, por meio da entrevista, no momento do recolhimento e da análise, é um elemento a ser considerado, uma vez que esses momentos privilegiam a abstração cinestésica do(a) narrador(a) que conta a sua história de vida.

Considerações finais

A complexidade da Teoria da Narrativa, sob a ótica de recolhimento de Histórias de Vida (narrações individuais), aponta características, nuances e formas metodológicas que se assemelham a investigações do método Histórias de Vida, de modo que há controvérsias dentro do próprio campo, no tocante às diferenças e similitudes entre eles, ocasionando embates políticos que apontam para as relações de poder e de resistência em contextos de produção científica, ou seja, a aplicação de determinado método ou campo teórico remete a posições de forças.

Ao contrário do que se imagina, o uso da objetividade científica perpassa por uma ordem subjetiva que transcende a lógica da cientificidade positivista na relação causa e efeito(s). Assim, a escolha pela aplicação dos recursos metodológicos para atingir os melhores resultados e os objetivos propostos na investigação não é um princípio isolado a ser analisado, mas está relacionada a questões subjetivas de ordem prática e externas à investigação.

Os embates entre aspectos metodológicos criam corpo e desdobramentos em posições políticas no interior dos campos, que levam os sujeitos investigadores a preferir um método a outro. Percebe-se, com isso, que as narrativas construídas no Estado e na Economia são incorporadas em diferentes proporções nas estratégias de autonomia e de domínio de campo nas produções científicas.

As nuances que diferenciam ou assemelham os métodos devem ser consideradas relevantes, uma vez que levam a alcançar diferentes resultados em relação aos objetivos propostos. Por isso, a importância de adesão ou dispersão do discurso no campo epistemológico é norteadora para o encaminhamento das escolhas e trajetórias dos(as) investigadores(as) no uso do método científico.

Notas

* Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal de Sergipe, suzanamary@hotmail.com.

Referências

ARAÚJO, Helena Costa. Pathways and subjectivities of portuguese women teachers through their life histories. **Telling women teachers' lives: narrative inquiries in the history of women's education**, p. 113-129, 1999.

BASSI, Javier Ernesto Follari. Hacer una historia de vida: decisiones clave durante el proceso de investigación. Barcelona, **Athenea Digital**, v. 14, n. 3, p. 129-170, nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v14n3.1315>

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Les histoires de vie: de l'invention de soi au projet de formation**. Paris: Anthropos, 2004.

DHUNPATH, Rubby. Life history methodology: “narradigm” regained. United Kingdom, **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 13, ed. 5, p. 543-551, 2000. <https://doi.org/10.1177/1077800418817835>

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London (UK): Routledge: 2^a ed., 2002.

FERRAROTTI, Franco. Les historias de Vida como Método. Convergência: Revista de Ciências Sociais. México, **Revista de Ciências Sociais (UAEM)**, n. 44, p. 15-40, 2007.

Histoire et Histoires de Vie: la méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Librairie des Meridiens, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FOX, Christine. Stories within Stories: dissolving the boundaries in narrative research and analysis. **Narrative Research on Learning: comparative and international perspectives**. United Kingdom: Symposium Books, p. 47- 60, 2006.

GERMETEN, Sidsel. Personal Narratives in Life History Research. United Kingdom, **Scandinavian Journal of Educational Research**, v. 57, ed. 6, p. 612-624, sept. 2013. <https://doi.org/10.1080/00313831.2013.838998>

GOODSON, Ivor F. Investigating the life and work of teachers. Estonia, **Estonian Journal of Education**, v. 2, ed. 2, p. 28-47, 2014.

GOODSON, Ivor. **Developing Narrative Theory: Life histories and personal representation**. London: Routledge, 2013.

GOODSON, Ivor; GILL, Scherto R. **Narrative Pedagogy: Life story and learning**. New York: Library of Congress Cataloging, 2011.

GOODSON, Ivor; CHOI, Pik Lin. Life History and Collective Memory as Methodological Strategies: Studying Teacher Professionalism. **Teacher Education Quarterly**, v. 35, n^o1, ed. 2p. 5-28, 2008.

http://www.teqjournal.org/backvols/2008/35_2/06goodson&choi.pdf

GOODSON, Ivor. **The Story of Life History: Origins of the Life History Method**. Identity: An International Journal of Theory and Research, v. 1, ed. 2, p. 129-142, 2001. https://doi.org/10.1207/S1532706XID0102_02

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. Curitiba, **Revista Campos**, v. 12, ed. 1, p. 9-29, 2011. <http://dx.doi.org/10.5380/cam.v12i1.28562>

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

MAGALHÃES, António; VEIGA, Amélia. The Narrative Approach in Higher Education Research. **Theory and Method in Higher Education Research**, v. 1, p. 311-331, 2015. <https://doi.org/10.1108/S2056-375220150000001015>

MATISS, Ilze Arielle. Co-creating life histories. **Journal of Baltic Studies**, v. 36, n. 1, p. 83-97, 2005. <https://doi.org/10.1080/01629770400000261>

MITCHELL Michael; EGUDO, Margareth. **Review of Narrative Methodology**. DSTO Systems Sciences Laboratory. Edinburgh South Australia, p. 1-41, 2003.

NUNES, Suzana M. A. Nunes. **Uma Leitura de Histórias de Vida de Mulheres Docentes da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade do Porto**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

PENEFF, Jean. Les grandes tendances de l'usage des biographies dans la sociologie française. **Politix. Revue des sciences sociales du politique**, v. 7, n. 27, p. 25-31, 1994. <https://doi.org/10.3406/polix.1994.1861>

POLKHINGORNE, Donald E. Narrative configuration qualitative analysis, United Kingdom, **International Journal of Qualitative Studies in Education**, vol. 8, n. 1, p. 5- 23, 1995. <https://doi.org/10.1080/0951839950080103>

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. Campinas, **Ciência e Cultura**, v. 39, ed. 3, p. 272-286, 1987.

SANDELOWSKI, Margarete. Telling Stories: Narrative Approach. Qualitative Research. **Image: the journal of nursing scholarship**, v. 23, ed. 3, p. 161-167, 1991. <https://doi.org/10.1111/j.1547-5069.1991.tb00662>

TRAHAR, Sheila. Introduction. The Contribution of Narrative Research to Comparative and International Education: an editor's story. **Narrative Research on Learning: comparative and international perspectives**. United Kingdom: Symposium Books, p. 13-22, 2006.

Recebido em: janeiro/2022.
Aprovado em: dezembro/2022.